



XX JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS

Ponta Grossa, 26 a 28 de outubro de 2022

COSMOGONIA TOLKENIANA E CRISTÃ: UM PARALELO ARQUETÍPICO

Matheus Mainardes de Oliveira da Silva¹

Ana Maria Machado²

Donizeti Pessi³

Resumo: De formação pessoal católica, J. R. R. Tolkien, um dos maiores mestres da literatura moderna, escritor de, entre outros, *O senhor dos anéis* (1954) e *O hobbit* (1937), ilustrou, em suas obras literárias, universos fictícios cujos desígnios se fulcraram numa cosmogonia particular, detalhada mormente em *O silmarillion* (2018). Nota-se que em muito se assemelha a cosmogonia do mestre da fantasia com a do Cristianismo, esclarecendo a relação intrínseca autor-obra. Não exatamente crítico literário, Jung (2016), por outro lado, analisa, em sua teoria analítica, a mitologia e os contos de fada como construções inerentemente humanas de significação da realidade, sendo que as estórias guardam em si a parcela consciente manifesta e a inconsciente velada, transparecendo no universo literário questões eminentemente psicogênicas e espirituais.

Palavras-chave: Cosmogonia; Tolkien; Mitologia; Literatura; Psicologia Analítica; Arquétipos.

Introdução

A cosmogonia sempre foi uma temática intimamente concatenada à consciência humana, sendo que, desde os primórdios dos tempos e através de várias interpretações mitológicas, o homem busca representar, de múltiplas e diversas maneiras, a inquietação que lhe é inerente referente à criação do universo, o que se espalha ainda a problemas de ordem religiosa adicionais, como o propósito da existência, o problema do bem e do mal, o nascimento e a morte, o espírito, entre vários outros.

A literatura, através do estabelecimento de um *simulacro*, presta a função simbólica de representar questões íntimas do homem, não apenas no sentido individual, como também coletivo. “A arte é maior que seu artista, é livre das estrechezas e dificuldades do que é pessoal, capaz de se desenrolar de apenas um indivíduo e atingir o coletivo, tornando-se parte do mundo interno de inúmeras outras pessoas” (RODRIGUES; MOREIRA, 2017, p. 62).

Tolkien (2018), criador de todo um universo particular fictício de complexidade única, ilustra em suas obras o desdobramento de acontecimentos fantásticos que carregam, inevitavelmente, relações mitológicas fundamentais, porquanto o inconsciente coletivo, como proposto por Jung (2016), seja um arcabouço rico em experiências de contemplação da realidade pelo homem e que se expressa à consciência de maneiras diversas, como nos sonhos e na imaginação ativa, sendo que essas experiências

1 Acadêmico de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana

2 Acadêmica de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana

3 Doutor em Educação (UEPG), Mestre em Teologia (PUC-PR), Graduação em Filosofia (IFTME). Docente do curso de Graduação em Bacharelado em Psicologia, Faculdade Santana.

transcendentes podem ainda, mais ou menos conscientemente, ser representadas através da arte.

O famoso literato, de formação pessoal cristã, contempla em seus livros exaustivamente os conflitos entre bem e mal, presentes em todas as mitologias. A dicotomia é contemplada desde o início dos tempos pelos homens, e a religião, de modo geral, engendra diretrizes morais e cosmológicas concernentes a ela. O conflito é um elemento criador nas simbologias cosmogônicas, e constitui um problema de caráter existencial que Tolkien adaptou em sua literatura.

Objetivo:

Estabelecer, através da análise junguiana do inconsciente coletivo, paralelos entre a criação do universo para a literatura tolkeniana e para a doutrina cristã.

Metodologia:

Para a realização do presente trabalho, recorreu-se ao material bibliográfico concernente à cosmogonia dos dois universos: o tolkeniano e o cristão, que, embora se fundam, são dissociados e se aproximam através da literatura. O *silmarillion* e a Bíblia Sagrada foram o fulcro dessa exposição, e através da literatura junguiana se estabeleceu a leitura pretendida. Bem como o apoio complementar de artigos científicos.

Resultados/Resultados parciais e discussão

Primeiramente, por uma questão temporal, discorrer-se-á acerca do cosmogonia cristã: “No princípio, Deus criou os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas.” (BÍBLIA SAGRADA, 2015). Não cabe a esse artigo questões filosóficas e teológicas mais aprofundadas, como a da *creatio ex nihilo*, mas se faz notar, a partir da citação do capítulo de Gênesis, que não havia mundo como o homem o entende, sendo que o deus cristão, através de sua onipotência atemporal, germinou a existência. O parteiro cósmico, dessa forma, dá origem às condições para que a vida se sustente, sendo que os propósitos para tal ação são interpretados desde a origem do cristianismo, bem como a orientação de Deus, se bom ou se mau, se diligente ou negligente. Deus, segundo aponta a bíblia, seria o todo poderoso, que criou através de seu poder supremo e individual o mundo, dirigindo a sua onipotência conforme seus desígnios a partir dos desdobramentos da criação, como o pecado original e a rebelião de Lúcifer. É importante notar que o cristianismo, em seus vários desdobramentos, constitui, conforme o Pew Research Center, a religião mais numerosa do mundo em número de adeptos, sendo que em 2015 já aglomerava 31% da população mundial (PEW, 2017 *apud* Sofiati; Moreira, 2018, p. 279).

Sobre a cosmogonia em Tolkien (2018), é importante ressaltar que seu direcionamento cristão influenciou direta e indiretamente na construção de seu universo fictício, sendo que ele relata em uma carta de 2 de dezembro de 1953 para Robert Murray que seu *Magnum opus*, O senhor dos anéis, “obviamente é uma obra fundamentalmente religiosa e católica; inconscientemente no início, mas conscientemente na revisão” (TOLKIEN; CARPENTER (ORG), 1981, p. 288). Impossível saber em que ponto Tolkien trata dessa escrita inconsciente, mas só o termo já atrai o interesse da psicologia junguiana, que sustenta a influência das inconsciências individual e coletiva em maior ou menor grau nas manifestações artísticas.

A cosmogonia em Tolkien (2018, p. 15) se dá da seguinte maneira:

No início, Eru, o Único, que no idioma élfico é chamado de Ilúvatar, gerou de seu pensamento os Ainur; e eles criaram uma Música magnífica diante dele. Nessa música, o Mundo teve início; pois Ilúvatar tornou visível a canção dos Ainur, e eles a contemplaram como uma luz nas trevas. E muitos dentre eles se enamoraram de sua beleza, e também de sua história, cujo início e evolução testemunharam como numa visão. Então, Ilúvatar deu Vida a essa visão e a instalou no meio do Vazio; e o Fogo Secreto foi enviado para que ardesse no coração do Mundo; e ele se chamou Ëa.

Nota-se que o deus tolkeniano, sendo ainda um ser de onipotência suprema, à semelhança do cristão, não engendra a existência por si só, delegando a seres magníficos a composição de uma música, que se cristaliza na forma do mundo. Esses semideuses, todavia, são fruto do poder de Ilúvatar, e a canção orquestrada somente toma forma a partir da vontade do Único. Também na sabedoria cristã há seres inferiores a um deus único, mas que gozam de poderes e de sabedoria que são o reflexo imperfeito do Todo-poderoso, ainda que, em relação aos demais seres, sejam de caráter numinoso. Em ambos os corpos mitológicos, há a presença suprema de um deus único, demonstrando representações arquetípicas de Deus.

Ademais, em ambas há o problema do antagônico: no cristianismo, o mal desvia o rumo da vida eterna do homem no paraíso, provocando o pecado original. O problema do mal no cristianismo é tema de debate entre os teólogos e filósofos, sendo que na bíblia se apresenta como uma manifestação de Lúcifer, o anjo da dúvida (BÍBLIA SAGRADA, 2015). Deus criou os anjos, embora na bíblia não se especifique exatamente qual foi a ordem de sua criação. Quando da fundação da terra, infere-se, já existiam, já que, segundo o livro sagrado, Deus descansou ao sétimo dia, finda a sua criação, e os colocou em vigília em derredor do Jardim do Éden para impedir o retorno de Adão e Eva, eivados pela distinção entre bem e mal (*idem*, Gênesis 3:22-24). Em Tolkien, Melkor, análogo ao Arcanjo Lúcifer, destoa da ordem divina, inaugurando o livre arbítrio e impondo à vontade do divino a sua própria, provocando a desarmonia e germinando a rebeldia, raiz do mal no pensamento cristão:

Surgiu no coração de Melkor o impulso de entremear motivos de sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Ilúvatar; com isso procurava aumentar o poder e a glória do papel a ele designado. A Melkor, entre os Ainur, haviam sido concedidos os maiores dons de poder e conhecimento, e ele ainda tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos. Muitas vezes, Melkor penetrara sozinho nos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardia nele o desejo de dar Existência a coisas por si mesmo; e a seus olhos Ilúvatar não dava atenção ao Vazio, ao passo que Melkor se impacientava com o vazio. E no entanto ele não encontrou o Fogo, pois este está com Ilúvatar. Estando sozinho, porém, começara a conceber pensamentos próprios, diferentes daqueles de seus irmãos. (TOLKIEN, 2018, p. 4)

Arda, a Terra tolkeniana, foi cobiçada por Melkor, que desejava estender a tudo o seu domínio, desejando a posição de senhor dos elfos e homens, filhos de Ilúvatar que foram amados pelos outros Ainur. Disso resultou uma grande guerra entre os Ainur, que perdurou durante toda a fantasia tolkeniana. Melkor, pelas sucessivas derrotas, se enfraquece, mas não sem germinar o mal em Arda através da criações malignas, como os balrogs, os dragões, Laracna, a aranha, e Sauron, antagônico da Terceira Era, contra cujos desígnios homens e elfos contendam em O senhor dos anéis. Também na literatura cristã há a batalha entre o bem e o mal, representada pela expulsão de Lúcifer, juntamente com um terço de anjos do céu, que, adeptos dele, foram atirados ao Sheol, o inferno cristão. Lúcifer, um Arcanjo, equivaleria ao topo de hierarquia dos céus, semelhantemente aos Ainur de Tolkien, e, como em Tolkien, foi enxotado também por

um equivalente em posição, o Arcanjo Miguel. Nota-se que, em ambos os casos, Deus propriamente não designa a sua onipotência, delegando aos seres divinos o mister do reestabelecimento da ordem.

Considerações finais

A criação imaculada e o germe do mal são presentes tanto na literatura tolkeniana como na cristã, como foi descrito. No pensamento junguiano, bem e mal não são propriamente posições distintamente opostas, mas complementares, sendo que o homem tem, em sua psique, zonas escuras e claras, representando a consciência e a inconsciência. O problema do bem contra o mal representa justamente a disposição interna do homem em trazer luz à treva da inconsciência, integrando a sua sombra e caminhando em direção à completude da individuação. (JUNG, 2020). À parte questões dicotônicas primordiais acessórias, como a ressurreição, o apocalipse e a purificação, é visível o paralelo cosmogônico entre as duas mitologias em questão. Tolkien era um cristão fervoroso, e na construção de sua literatura espelhou temas cristãos, que “[...] podem, naturalmente, ser representados por ideias de anjos, de Deus, do inferno e do mal” (JUNG, 2020, p. 90).

As noções de bem e mal são presentes na maioria das religiões do mundo, já que representam o conflito psíquico humano de consciência-inconsciência, arraigado no inconsciente coletivo e representado através de sonhos, imaginação ativa e na manifestação simbólica, como nos contos. “Os contos são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo, pois eles representam os arquétipos na sua forma mais simples, plena e concisa” (VON FRANZ, 2005).

Quando Tolkien, na carta citada, fala em uma construção estórica inconsciente, pouco se pode inferir, sem uma análise mais aprofundada do psiquismo do autor, que só seria possível mediante um contato direto e em vida, acerca da motivação que culminou na publicação de uma das obras literárias mais ricas da humanidade. É radiante, todavia, que o autor, como um devoto cristão, representou suas questões particulares e de toda a humanidade através da ilustração arquetípica do problema da criação e do bem e do mal.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Salt Lake City, Utah, EUA: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 2015.
- JUNG, C. G. (ORG) *et al.* **O homem e seus símbolos.** Tradução de Maria Lúcia Pinho. 3. ed. Especial. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.
- RODRIGUES, I. P; MOREIRA, F. G. Elaboração das vivências psíquicas: o papel da literatura. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica.** v.35-1, p.61-70. 1º semestre de 2017.
- SOFIATI, F. M; MOREIRA, A. S. Catolicismo brasileiro: um painel da literatura contemporânea. **Religião e sociedade.** 38 (2). 2018.
- TOLKIEN, J. R. R; CARPENTER, H. (ORG). **As cartas de J. R. R. Tolkien.** Assistência de Christopher Tolkien. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. Organizado por Christopher Tolkien. Tradução de Waldéa Barcellos. – 5^a ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo: PAULUS Editora, 2005.